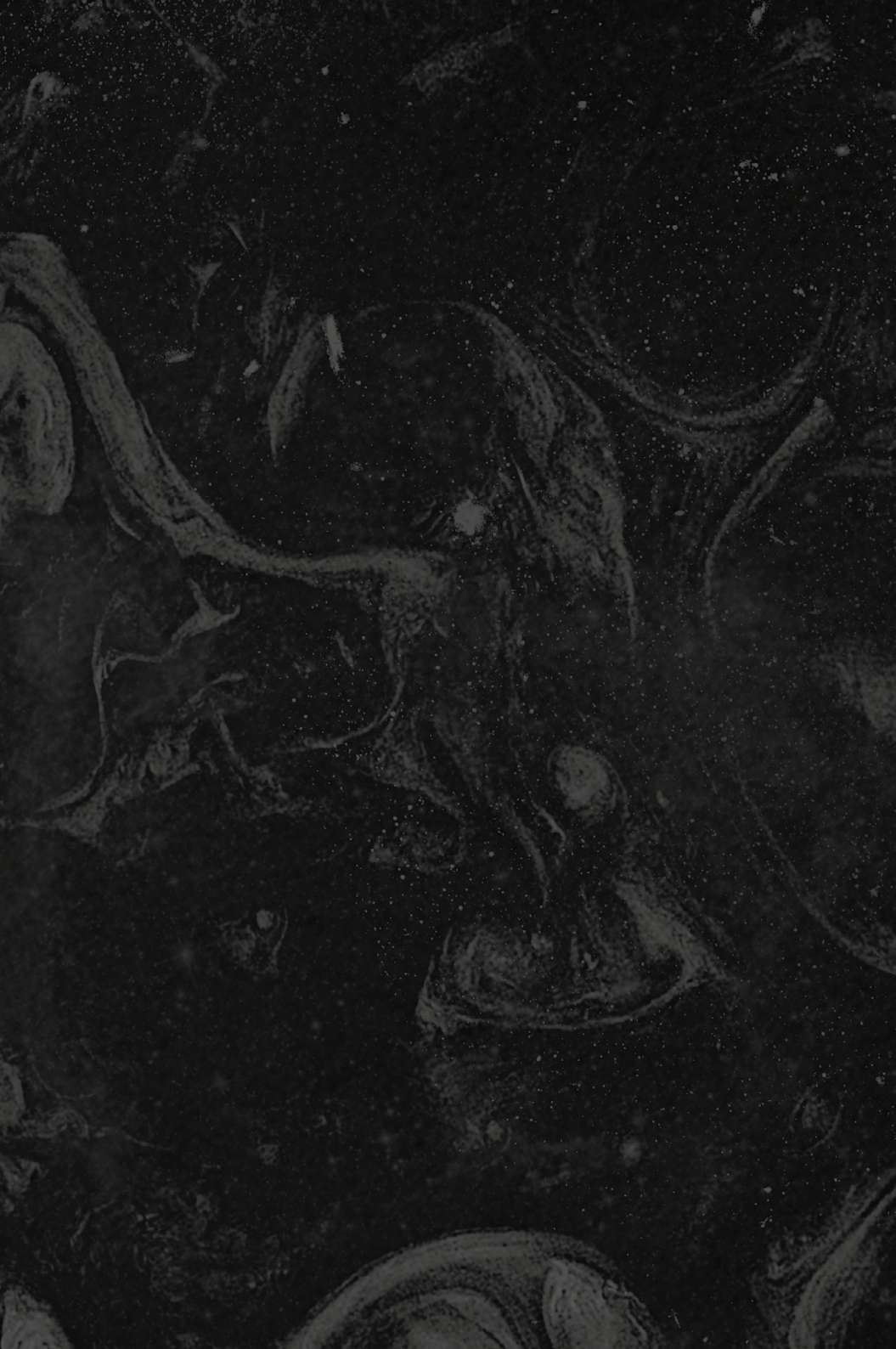


O
SANGUE
DO REI



MARCELLE B. RUBACK

O
SANGUE
DO REI



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Marcelle B. Ruback, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Gabriella Regina

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Ruback, Marcelle B.
O Sangue do Rei / Marcelle B. Ruback. – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-33-5

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Para aqueles que desejam o
despertar das chamas dentro de si.



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao Rei dos Reis, aquele que é a Palavra e aquele que fez o mundo.

A todos os meus familiares e amigos que esperaram pelo lançamento deste livro com muita paciência. E durante todo o processo me apoiaram, entregando-me forças para que eu continuasse e me fazendo pensar em como poderia encaixar muitas coisas neste livro.

Um enorme agradecimento aos meus pais, avós e tios, que nunca desacreditaram de mim e me mostraram o significado verdadeiro do amor.

E um agradecimento especial para os mensageiros que plantaram uma semente de esperança em meu coração.



1

— Maya, quantas vezes vou ter que pedir para que não mexa nas minhas coisas? — perguntou Kiara, segurando um dos braços da irmã mais nova, que havia acabado de mexer nas joias recém-compradas.

— Não, tudo o que é meu me pertence, e aquilo que é seu, nos pertence — argumentou a menina, indo para fora do quarto das duas.

Os gritos ecoavam pela casa, como se livros e cadernos tivessem sido lançados ao chão com enorme força e raiva acumulada. Entretanto, havia brigas constantes na casa dos Folchad, no caso entre as irmãs: Kiara e Maya Folchad.

Os motivos de as duas brigarem eram conhecidos pela família e até pelos vizinhos mais próximos, que bisbilhotavam pelas janelas assim que escutavam os primeiros gritos. Elas discutiam por bobagens, como quem havia pegado escondido um perfume ou comido o último pedaço de bolo na geladeira.

Apesar das desavenças, era claro que se amavam, então fizeram as pazes depressa e arrumaram a bagunça que haviam feito. Se os pais chegassem e encontrassem qualquer vestígio da briga, mesmo que fosse uma almofada ao chão, haveria consequências severas.

O tempo estava chuvoso, e as gotículas de água escorriam pelos vidros das janelas enquanto uma melodia era tocada no toca-discos da família. A chuva caía contra a terra molhada, fazendo com que a jovem mais velha se acalmasse abundantemente.

Conforme Kiara fechava os olhos para sentir o frescor em seu rosto, a paz aflorou no quarto. Os longos cabelos pretos balançavam com o vento que entrava pela janela, assim como as roupas compridas de uma cor rosada. Naquele momento, suspirava fundo, sentindo o bater do coração ao mesmo tempo que o corpo se conectava com a natureza.

— Como meu celular vibra!

A calma cessou, e Kiara se enfureceu. Estava em seu limite, mas os amigos mandavam diversas mensagens.

Quando se virou para se afastar da janela e pegar o aparelho, observou a irmã nos corredores da casa. Estava sentada em um pequeno sofá com pelúcias à sua volta.

A caçula era sete anos mais nova do que Kiara e por conta disso era de se admirar que se entretivesse com facilidade com qualquer coisa que colocassem em suas mãos. A pele da menina era branca como a neve; os olhos, azuis como gelo. Seu aroma era doce como um bolo de chocolate recém-saído do forno.

— Maya, minha pequena, venha aqui, por favor. Vamos arrumar nossas malas para partirmos amanhã bem cedo.

Kiara dirigiu a palavra para a irmã no mesmo momento em que segurava duas enormes bolsas de viagem.

— Devíamos perguntar ao pessoal se realmente poderemos ir, não acha? — perguntou Maya, fitando-a.

Levantando-se do sofá e caminhando em sua direção, a caçula segurou uma das malas vazias. As duas se entreolharam e observaram o celular na mão da mais nova, até que receberam a resposta quase imediata dos amigos.

— O pessoal partirá ao amanhecer — disse Maya, acomodando o celular em um dos bolsos dos shorts.

— Entendo. Neste caso sairemos antes do amanhecer. Pensando bem, em vez de irmos no carro dos nossos pais, podemos ir no meu — afirmou Kiara, colocando a mala embaixo do braço direito.

Posicionou o dedo indicador na ponta do nariz da pequena e sorriu. — Mas já que sairemos bem cedo, é melhor ir para a cama! A mocinha não pode ficar acordada até tarde.

Kiara deu um leve empurrãozinho em Maya para que andasse até o dormitório.

— Mas, Kiara... — protestou Maya, abaixando os ombros.

— Não pedirei novamente, já para a cama! — ordenou, colocando a mala no chão.

Cruzou os braços e franziu a testa.

— Parece que às vezes você esquece que é apenas a minha irmã, e não minha mãe — afirmou Maya, virando-se em direção ao quarto.

— Não esqueci. Você sabe que, quando os nossos pais estão trabalhando, quem fica encarregada de cuidar de você sou eu — proferiu Kiara, que se entristeceu ao ouvir as palavras de Maya. Pegando as malas, Kiara foi arrumar tudo que levaria para a viagem, até as roupas da irmã. — Jamais esqueceria que sou apenas sua irmã — falou sozinha, abrindo o guarda-roupa e colocando as camisas dentro da mala de viagem.

Kiara era uma jovem que acabara de entrar na faculdade de engenharia. Durante muitos anos cuidara da irmã como a uma filha, por conta disso se preocupava como uma mãe.

Logo após arrumar as malas, deixou tudo pronto para o dia seguinte. Deitou-se ao lado da menina, caindo em um sono leve para que conseguisse despertar antes do amanhecer.



Em um determinado horário, Kiara sempre despertava sozinha, porém alegre, sem saber ao menos o motivo.

— Nossa, acordei mais cedo que o esperado novamente — afirmou, sentando-se na cama apenas ver que Maya estava ao seu lado, ainda dormindo em um sono profundo.

Sem querer acordá-la, levantou-se com cuidado e saiu do aposento das duas. Naquele momento, lembrou-se de alguns pertences que havia esquecido de colocar na mala e por isso começou a colocá-los nos devidos lugares para sair. Quando estava tudo pronto, foi chamar Maya, que já havia acordado com o despertador e estava no banheiro. Foi até lá.

— Está pronta, bombinha? — perguntou, sorrindo, pois sabia que a irmã não gostava do apelido que recebera quando era mais nova.

— Quantas vezes vou ter que dizer que não gosto que me chame assim?

Maya se viu furiosa ao arrumar as madeixas. Mas, para não deixar passar o nervoso com a irmã, pegou a primeira coisa que havia em sua frente e jogou nela. Kiara pegou o objeto com uma mão e começou a sorrir.

— Não adianta jogar coisas em mim, você não é forte o suficiente. Ah, e antes que eu me esqueça, vou colocar as malas no carro e iremos partir — comentou, colocando o dedo indicador na ponta do nariz de Maya e saindo do banheiro.

Pegando a chave, guiou a irmã mais nova até o carro, no qual embarcaram: a caçula no banco de trás e a primogênita ao volante. E assim começaram o trajeto que percorreriam durante um bom tempo.



— Kiara, falta muito para chegarmos no acampamento? — indagou, fixando o olhar na janela.

— Minha criança, falta bem pouco — respondeu, gesticulando sem soltar o volante do carro.

Ao longo do caminho, as irmãs Folchad conversavam bastante sobre medos, namoros, faculdades e, principalmente, família.

— Há quanto tempo você está à espera desse acampamento? — Maya proferiu as palavras em direção ao meio do carro, apoiando os cotovelos no espaço entre os bancos da frente.

— Para ser sincera, espero há tempos, até porque esse acampamento está programado há mais ou menos três anos.

Sorriu de forma singela ao dar uma olhadela na irmã, que a olhava fixamente.

— Nossa, mas isso é bastante tempo! Eu nem lembrava que conhecíamos o pessoal há tanto tempo — disse a mais nova, erguendo-se e esticando o braço até o porta-luvas para pegar uma bala.

— Maya! Sente-se, por favor, estou dirigindo e você sabe que fica difícil para mim.

Kiara ergueu o braço, impedindo que a mais nova se inclinasse ainda mais.

— Desculpa, só queria uma bala. — Sentando-se novamente e colocando as madeixas brancas atrás da orelha, Maya começou a abrir o doce. — O pai e a mãe sabem que estamos indo para outra cidade?

Colocou o doce na boca.

— Sabem, eu perguntei, mas você sabe como nossos pais são, estavam um pouco ocupados, mas me deram a atenção necessária. Como confiam em mim, deixaram que a trouxesse. Como o pai diz, *Maya vai para espionar o que você está fazendo*. — Kiara imitou a voz do pai, e as duas caíram na gargalhada.

— Passei no quarto deles, e ao que parecia estavam dormindo em um sono bem pesado, então dei um beijo na testa deles e saí. Não vou mentir, eles irão fazer falta. — Maya suspirou.

— Também vou sentir saudade, mas é só por um tempinho, logo nos encontraremos novamente.

A garota de cabelo escuro sorriu, colocando uma mão para trás, acariciando e dando um leve tapa na perna da irmã.

Os pais delas eram bastante ausentes por conta do trabalho cansativo que tinham. Por isso, as irmãs os viam ao anoitecer e, sempre que podiam, faziam de tudo para estar mais presentes. Era por conta disso que Kiara cuidava de Maya desde jovem. A responsabilidade que tivera durante anos da vida estava dando bons frutos. Apesar de a pequena ter uma personalidade diferente, a jovem conseguira criá-la ao lado dos pais.

Um bocadinho de tempo se passou, e as jovens chegaram a uma cidade chamada Shuntá. Era uma grande cidade histórica, fundada por Petril Carter por volta de 1217, então uma pequena cidade para refugiados de guerra, porém, ao longo do tempo, adquirira poderes de realeza e assim uma grande posse de terras fora alcançada e expandida.

Havia várias árvores, era um lugar com muita variedade de cores. O clima era gélido por conta das altas e vastas colinas. Os passarinhos cantavam abertamente, sem medo de se tornarem prisioneiros. As cores de cada local por onde passavam traziam emoções em grande escala; as florestas tinham vários tons alaranjados que se mesclavam com outros tons, gerando magníficas árvores de outono.

Maya, por ser mais nova, ficava fascinada com cada centímetro; não podia negar que era notável a beleza daquele local.

A expressão de Kiara era calma e um sorriso avantajado se abria em seu rosto.

— Bombinha, chegamos — anunciou com empolgação. — Agora falta estacionar o carro em um lugar aparente para não o perdermos de vista. — Sorriu.

— Acho que ali é um ótimo local para estacionar.

Maya passou para o banco do carona, fazendo a irmã se assustar ao vê-la ao seu lado; mesmo assim continuou o percurso.

– Maya, onde está com a cabeça?! – ralhou, olhando-a, um pouco raivosa.

– Relaxa, está tudo bem, irmã. Agora falta estacionar o carro ali – afirmou Maya, mudando de assunto.

A jovem apontava para uma lojinha de doces ao lado de uma praça de alimentação.

Logo após estacionarem em frente à loja, Kiara recebeu uma ligação da mãe, que estava preocupada com a viagem. Respondeu que estava tudo bem e deu breves explicações antes de desligar o aparelho.

– Agora nós esperamos – afirmou Kiara, esfregando as mãos, ansiosa. – E você, bombinha, está ansiosa? – Sorriu.

– Finalmente vou reencontrá-los – respondeu Maya, dando pulinhos ao pronunciar cada palavra.

As irmãs esperavam por aquele momento havia muitos anos. Os jovens que tanto mencionavam eram membros do grupo de que participavam; vários jovens da mesma faixa etária se tornaram amigos íntimos, e por um longo tempo programavam o acampamento com a finalidade de estarem juntos novamente.

– Aquela não é Hagnes Klarck? – perguntou Maya em alta voz, saindo do carro em direção à garota.